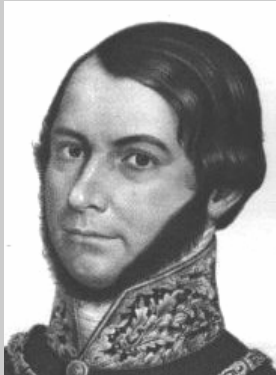


António José de Ávila		<p>1868</p> <p><i>A sombra da revolução... foi empuçada logo ao nascer pelo duque de Ávila... a bomba de choque para amortecer a violência das transições, entre os merceeiros lesados pelo imposto de consumo, no Porto, e os conspiradores platónicos, de Lisboa</i> (Oliveira Martins)</p> <p><i>O partido reformista o que o popularizou não foi o juramento da economia feito sobre o coração do erário, foi a promessa de não levantar o imposto, o que entusiasmou o povo (o mau povo, que é ordinariamente o que decreta a popularidade das praças) não foi a convicção de que se reduziria a despesa do Estado, foi a alegria simples de não pagar</i> (Ramalho Ortigão)</p>
	<p>Janeirinha, transição avilista e experiência reformista</p>	

● **De Júlio Dinis à Revista de Legislação e Jurisprudência** – Continua a destacar-se Júlio Dinis, com *A Morgadinha dos Canaviais* e *Uma Família Inglesa*, enquanto Antero de Quental analisa *Portugal perante a Revolução de Espanha. Considerações sobre o Futuro da Política Portuguesa no Ponto de Vista da Democracia Ibérica* e surge, de Lopes Praça, *Historia da Philosophia em Portugal nas suas relações com o movimento geral da philosophia: ninguém viu que a unidade matava a liberdade, a delegação a iniciativa, a organização republicana a república democrática*. Já Ramalho Ortigão, instala-se em Lisboa, quando é nomeado secretário da Academia das Ciências. Na altura, já a Santa Sé recusa a nomeação de Aires Gouveia e Cardoso Nápoles para cargos eclesiásticos, conforme proposta governamental, depois de ser conhecida a respectiva filiação maçónica. Entretanto funda-se em Coimbra a *Revista de Legislação e Jurisprudência*, devido à acção de Manuel de Oliveira Chaves e Castro, Luís Leite Pereira Jardim e Lucas Fernandes Falcão.

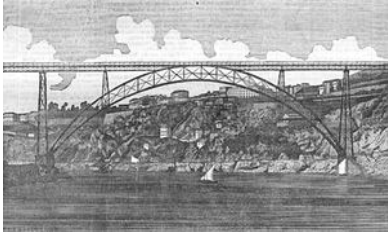
● **Revolução em Espanha** – Com a entrada das tropas do general Serrano em Madrid, em 29 de Setembro, é derrubada a monarquia espanhola de Isabel II, surgindo um governo provisório que, no entanto, não proclama a República, iniciando-se o chamado sexénio democrático, marcado pelo programa do sufrágio universal e da reforma fiscal. Vitorioso nas eleições de Dezembro, William Gladstone constitui o primeiro governo liberal britânico, conseguindo derrotar a *tory democracy* de Disraeli que, entretanto, lhe irá suceder em 1874. Nesse ano, organiza-se o primeiro *caucus* em Birmingham, para efeitos de eleições locais que, a partir de 1877, já se aplica às eleições gerais.

● **Revolta da Janeirinha** contra o imposto de consumo (de 31 de Dezembro de 1867 para 1 de Janeiro de 1868). O movimento, no Porto, é liderado por Delfim Maia. O governo demite-se e o rei ainda tenta que Loulé e Sá da Bandeira organizem governo, mas estes não aceitam.

● **Governo nº 28 de António José de Ávila** (201 dias, desde 1 de Janeiro). Com o apoio dos reformistas. São ministros deste gabinete António Luís de Seabra (justiça), José Dias Ferreira (1837-1909) na fazenda, o general José Maria Rodrigues de Magalhães (guerra), o general José Rodrigues Coelho do Amaral (marinha) e o major Sebastião do Canto e

Castro Mascarenhas (obras públicas). Ávila, a quem *não lhe falta talento nem instrução, mas falta-lhe prudência e é cheio de orgulho*, tendo um *carácter versátil*, segundo Lavradio, ocupa as pastas do reino e dos estrangeiros. Loulé e Sá da Bandeira, convidados pelo rei, haviam recusado a chefia do governo.

● **O vazio** – *Nem uma só palavra afirmativa. “Moralidade, economias!”*. Esse programa patenteava o vazio, porque nenhum partido jamais pregou a corrupção nem o desperdício. Mas praticavam-nos ambos, os regeneradores? é pois uma questão de homens, nada mais (Oliveira Martins).



● **Revogação do imposto de consumo** (14 de Janeiro), no dia em que surge a dissolução da Câmara dos Deputados, também se dá sem efeito a reforma do ministério da fazenda levada a cabo pelo gabinete anterior (13 de Fevereiro). No Parlamento o gabinete é, desde logo, criticado por Peniche.

● **O líder das transições** – Ávila governará nas transições como um duque de Terceira, civil... constituindo não um partido, mas uma espécie de patrulha (Lopes Oliveira). Não lhe falta talento nem instrução, mas falta-lhe prudência e é cheio de orgulho... carácter versátil (Lavradio).

Govern. Avilistas e reformistas 142 (87%)	177 dep.	Oposição 22 (9 Hist. 13 Reg.)
---	----------	--

● **Eleição nº 20 da Câmara dos Deputados** (22 de Março e 12 de Abril). Vitória dos avilistas e reformistas, obrigando os anteriores governamentais a passarem para a

oposição. 366 488 eleitores e 266 018 votantes para 152 deputados no continente e 179 no total.

● 142 deputados governamentais no continente e ilhas (87%).

● 22 deputados oposicionistas no continente e ilhas. Destes anteriores *fusionista*, 13 são regeneradores e os restantes, históricos.

● Em Lisboa, governo vence por 16-2 e no Porto por 14-3.

● Há opositores radicais, ditos liberais-progressistas, ou penicheiros, e já se assumem os republicanos, então ditos os *lunáticos*, que se reúnem no Pátio do Salema.

● **O boi-povo** – O ambiente das eleições de então é bem expresso por Júlio Dinis na *A Morgadinha dos Canaviais*, de 1868: *Chegara o prazo, o dia assinalado de se dar perante a urna a batalha eleitoral. A azáfama política activara-se nestes últimos dias consideravelmente. De parte a parte tinham-se posto em campo todos os influentes e em exercício todas as armas. Promessas, aliciações, pressão de autoridade, exigências a dependentes, subornos, ameaças mais ou menos declaradas; de tudo se lançava mão. Às vezes até o calor das discussões degenerava em pugnas menos pacíficas; os argumentos físicos, que figuravam no catálogo das razões mais convincentes, haviam já sido invocados a pleitear ambas as causas, berrando-se depois, de um lado, contar a violência e o despotismo do governo, do outro, contra os manejos sediciosos e anárquicos da oposição... Logo pela manhã de domingo, marcado para a solenidade civil, o adro da igreja paroquial apresentava uma animação fora do costume. Grupos formados aqui e ali conferenciavam, entreolhando-se com desconfiança, ou correspondendo-se por sinais de inteligência, conforme pertenciam à mesma ou a oposta parcialidade. os agentes eleitorais, os influentes dos dois campos acercavam-se deste, apertavam a mão àquele, segredavam com um, batiam no ombro a outro, discutiam com um terceiro, e, sempre que é possível, distribuíam listas ao maior número... é o sr. Joãozinho das Perdizes à frente da sua freguesia... Tendes visto um guardador de cabras à frente do seu rebanho, conduzindo com acenos e assobios todas as barbudas daquele regimento*

quadrúpede? Pois vistes o mais perfeito símele da cena que se presenciava agora no adro da igreja matriz. O povo, o povo soberano, que naquele dia tinha nas mãos o ceptro da sua soberania, não é menos dócil do que os irracionais que recordamos. O dia que devia mostrar-se orgulhoso, é quando mais se humilhava; quando podia dispor dos destinos dos seus senhores, é quando mais vergava a cabeça sob o peso que estes lhe assentavam. Não é semelhante esta força inconsciente do povo à do boi robusto e válido, que uma criança dirige e subjuga? Forte como ele, como ele dócil, como ele laborioso, como ele útil, não vê que a mesma força que emprega no trabalho lhe poderia

servir para repelir o jugo. Ou, quando vê, é quando o desespero e a fúria, o cegam e impelem a revoltas tremendas. Acontece apenas que Pinchões acaba por votar contra o Sr. João das Perdizes... Com efeito funcionam a compra do voto, a pressão, a ameaça, o voto por influência...

● **Agitação.** Há vários tumultos em Lisboa, organizados pelos penicheiros, através de António Vieira da Silva e de Figueiredo Guimarães, com operários a pedirem *pão ou trabalho* e a darem *morras* ao governo. Há ataques à proposta de reforma tributária de Dias Ferreira e muitos clamam *nem um vintém*.

☞ Da esquerda

Ecléticos independentes

● João José de Mendonça Cortês, deputado desde 1868, forma com outros o pequeno grupo dito dos *ecléticos e independentes*, que se opõe ao governo de Ávila.

Liberais-progressistas

● Oposição radical dos penicheiros, já separados dos avilistas. Logo na abertura do parlamento, em 15 de Abril, o conde de Peniche ataca o governo, considerando-o como negador da liberdade de reunião e Ávila acusa-o de chefe dos desordeiros.

● O grupo esteve na base dos tumultos populares que precederam a Janeirinha. Tem como principal activista de rua António Vieira da Silva que organiza manifestações que têm como palavra de ordem *pão ou trabalho*.

Para a direita ☞

Governamentais

● União de avilistas e futuros reformistas. Com Ávila, A. L. Seabra e Dias Ferreira.

Opositores fusionistas

● 22 deputados adeptos do anterior governo da fusão, dos quais 13 regeneradores

● **Queda do governo** de Ávila em Julho. A comissão de obras públicas não dá parecer favorável a um projecto de convenção com uma das companhias de caminho-de-ferro. Conselho de Estado também não se mostra concordante com a dissolução parlamentar. As forças que tinham estado na base da *Janeirinha*, como os penicheiros e os lunáticos, já consideram Dias Ferreira um *traidor* e atacam ferozmente a equipa dos avilistas. Chegam a ser convidados para formarem governo, Alves Martins e Loulé.

● **O oportunismo prático** – *Depois de 68 nada há que regenerar, ou todos regeneram de um modo igual. Depois desta época, e*

consumada uma tal ou qual restauração da riqueza nacional, todos aparecem convertidos ao oportunismo prático. Não há mais distinções de partidos, há apenas grupos diversos. Não há mais programas, porque há a liberdade prática bastante e toda a ideologia liberal morreu. Os bandos políticos já não têm rótulos, basta-lhes o nome dos chefes: é o deste, o daqueloutro. E uns sucedem-se aos outros, até que... (Oliveira Martins).

● **Governo nº 29 de Sá da Bandeira** (386 dias, desde 22 de Julho). É o primeiro governo reformista propriamente dito, designação nascida da vontade expressa pelo

gabinete de *fazer reformas e realizar economias*. Começa então a estruturar-se um partido também *reformista*, como forma de apoio ao governo, onde se destacam os chamados *rapazes do bispo*, como Mariano de Carvalho, Francisco da Veiga Beirão, Barros Gomes e Mariano de Carvalho.

●Entre os ministros: Alves Martins (1808-1882), bispo de Viseu desde 1862, o caudilho do grupo, no reino, José Maria Latino Coelho (1825-1891), na marinha, Carlos Bento da Silva, na fazenda e nos estrangeiros, Sebastião Lopes de Calheiros de Meneses (1816-1899), nas obras públicas (há-de, a partir de 1869, alinhar com os republicanos, chegando a ser indicado por João Chagas, para chefe da revolta de 1891), António Pequito Seixas de Andrade (1819-1895) na justiça que, por estar doente, apenas exerceu tais funções de 24 de Julho de 1869 a 2 de Agosto seguinte, ocupando tais funções Alves Martins.

●Em 2 de Agosto é substituído por João José de Mendonça Cortês (1838-1912). O gabinete tem recomposições em 17 e 27 de Dezembro de 1868.

●**A revolução de Espanha** – Marechal Juan Prim desencadeia uma revolução liberal contra Isabel II, em Espanha (de 17 a 29 de Setembro). Como reacção, levanta-se, entre nós, uma onda de revolta contra a chamada tentação iberista, liderada por Rodrigues Sampaio, a partir do jornal *Revolução de Setembro*.

●**Renegar a nacionalidade** – A nacionalidade não passa de uma *forma passageira e artificial*, de *um facto do mundo político e como ele transitório e alterável*, que ela não seria o *símbolo único*, a *forma mais perfeita do sentimento nobre*, o *amor da Pátria...* *Nas nossas actuais circunstâncias o único acto possível e lógico de verdadeiro patriotismo é renegar a nacionalidade...* *As forças mais moças e*

inteligentes, os elementos mais generosos da nossa sociedade estão comprimidas, as asfixiadas por esta forma estreita da velha nacionalidade. Entre uma coisa e outra é necessário escolher. Ora eu sustento que, entre as realidades eternas da natureza humana, de um lado e, do outro, a criação artificiosa e antiquada da política, não há que hesitar. Se não é possível sermos justos, fortes, nobres, inteligentes senão deixando cair no abismo da história essa coisa a que se chamou nação portuguesa, caia a nação, mas sejamos aquilo que nos criou a natureza, sejamos inteligentes, nobres, fortes, justos, sejamos homens, muito embora deixemos de ser portugueses (Antero de Quental).

●**Reformas** – Profundas alterações administrativas, nomeadamente na saúde e obras públicas. Extinção do Conselho Geral da Instrução Pública (17 de Outubro). Extinção da repartição de pesos e medidas (30 de Outubro). Reforma do Tribunal de Contas (5 de Novembro) e dos serviços de saúde. Criação da Junta Consultiva da Saúde Pública (3 de Dezembro). Reorganização da Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha e do Ultramar (29 de Dezembro) e do Ministério das Obras Públicas Comércio e Indústria (31 de Dezembro).

●**Remodelações** – Em 17 de Dezembro: Sá da Bandeira substitui Carlos Bento da Silva nos estrangeiros.

●No dia 27, Francisco Paula d’Azeredo Teixeira de Aguiar (1828-1918), 2º visconde e conde de Samodães² substitui Bento da Silva, na fazenda. E o governo *entalado*, recorreu então a capitalistas portugueses, face à impossibilidade do sonhado empréstimo internacional.

📖 Agostinho, José (III): 254 ss.; Chagas, Pinheiro/Gomes, Marques (XII): 228, 229, 307-312, 320-323, 333, 334, 340, 341; Marques, A. H. Oliveira (1997, III): 230; Martins, Francisco de Assis de Oliveira: 40 ss.; Martins, F. A. Oliveira (1960): 35, 37; Martins, Francisco da Rocha (1929): 387 ss.; Martins, Joaquim Pedro d’Oliveira (1881, II): 292, 286; Oliveira, Lopes d’ (1947): 17, 18; Ortigão, Ramalho (*Correio de Hoje*, I; 69); Paixão, Braga (1964): 169 ss.; Peres, Damião/Carvalho, Joaquim (1947, VII): 365, 375, 376, 377, 381; Queiroz, Eça de (*Prosas Esquecidas*, II): 298, 299; Santos, António



Ribeiro dos: 187 ss.; Serrão, Joaquim Veríssimo (IX): 46; Serrão, Joel (1970): 305.

● **O regime dos pequenos partidos** – Triunfante o movimento da *Janeirinha*, Portugal vai passar a viver um novo ciclo político, com a emergência de novos pequenos partidos, em disputa com o centrão histórico e regenerador. Numa primeira fase, até ao Verão, sobe ao poder o governo de Ávila, da ala direita da anterior oposição aos fusionistas, sob o lema de *economias e moralidade*.

● Numa segunda fase, emerge um novo gabinete, presidido por Sá da Bandeira, o primeiro governo reformista propriamente dito, que tem como lema *fazer reformas para realizar economias*. Entre os ministros mais salientes, D. António Alves Martins, o bispo de Viseu, de 1862 a 1882, para quem *a religião deve ser como o sal na comida: nem muito, nem pouco*, e Latino Coelho, que há-de tornar-se republicano. Os avilistas hão-de vir a integrar-se nos regeneradores e os reformistas, a juntar-se aos históricos, dando corpo aos progressistas, com que, a partir de 1876, surgirá o novo ciclo rotativista.

● O sistema político português vai viver um período de transição entre a primeira bipolarização gerada em torno dos *progressistas regeneradores* e dos *progressistas históricos* e o ciclo do rotativismo entre os *regeneradores* e os *progressistas*, institucionalizados pelo Pacto da Granja de Setembro de 1876. Assim, os doze anos que medeiam entre a queda do segundo governo histórico e a subida ao poder do governo regenerador de Rodrigues Sampaio/Fontes, o primeiro governo fontista propriamente dito, assistem a um período curioso e contraditório, onde, depois do máximo de unidade conseguido pelo governo da *fusão*, entre os que hão-de ser regeneradores e os que hão-de ser progressistas, vai viver-se uma dispersão partidária.

● As forças opositoras à fusão, tentam uma mudança, primeiro com a interpretação avilista da mudança, a ala direita dos reformistas, depois, com os *reformistas propriamente ditos*, a ala esquerda do grupo que derruba a fusão, protagonizados por Sá da Bandeira e Alves Martins.

● Segue-se a partir de Maio de 1870, uma breve interrupção ditatorial, com Saldanha, mas recolhendo, no seu seio, a semente de novos grupos políticos, desde os *penicheiros* aos futuros *constituintes* de Dias Ferreira, para, depois se tentar novo governo, onde, após uma breve junção entre os avilistas e a ala esquerda dos reformistas, ficam apenas os primeiros em campo. Emerge, finalmente, a estabilidade de um governo fontista, apoiado por avilistas e constituintes e com a oposição de reformistas e de históricos.

● Curiosamente, esse período de instabilidade partidária tem a acompanhá-lo um processo de unificação das várias maçonarias. Os herdeiros da Maçonaria do Sul e da Maçonaria do Norte, unificados na Confederação Maçónica Portuguesa, a base espiritual e organizacional dos chamados *históricos*, de cunho acentuadamente anticabralista, logo em Maio de 1866, chegam a acordo com o Grande Oriente de Portugal que, em 1849, com o visconde da Oliveira e o conde da Cunha se tinham independentizado das facções maçónicas de António Bernardo da Costa Cabral e de José Bernardo da Costa Cabral, até que em Outubro de 1969 se chega ao máximo unificador do Grande Oriente Lusitano Unido, que integra os restos das facções maçónicas.

● Assim, entre 1865 e 1877, definido que está o quadro constitucional pelo armistício do Acto Adicional de 1852, a mudança deixa de ser *regeneração* e passa a usar o nome de *reforma*, mas a nível das leis infra-constitucionais, enquanto outros preferem os *melhoramentos materiais* ou o *fomento*

